

Capítulo 1

É sempre a mesma coisa. Ir até ao metro a pé, depois... Bom, já o ir para o metro a pé é um drama! Nos dias bons dá-me uma vontade enorme de não me meter no metro e, sobretudo, não ir às aulas. Nos dias de chuva, desses então nem se fala. Fico toda molhada, com os ténis encharcados, a fazerem aquele barulho foleiro enquanto vou antecipando a conversa da minha mãe:

— Ó Luísa, onde é que já se viu alguém andar de ténis no Inverno?!

Enfim, depois da caminhada, há sempre a viagem até à Baixa-Chiado. Só consigo sentar-me no Marquês de Pombal, o que me dá um mau jeito horrível. Doem-me imenso as mãos de ir a ler de pé. E se vai alguém muito próximo, o que é quase sempre, lá se põe a criatura a espreitar para o meu livro. Eu confesso que também espio os livros dos outros quando não tenho nada para ler. Até jornais de futebol eu devoro, mas irrita-me ter alguém a olhar para o meu livro. Mas há aquela parte boa, quando me sento mesmo com espões no banco do lado. Aí já nem me incomodam tanto.

Naquele dia havia qualquer coisa diferente no ar, percebi logo quando saí de casa. Antes de chegar à rua nunca sinto nada. Estou sempre tão ensonada... Soprava um vento fraquinho, agradável. Mas as pessoas que encontro habitualmente no caminho estavam bem diferentes. Pareciam agressivas, o que contrastava muito com a aragem serena. Apressei o passo para chegar depressa ao metro, embora com pena de perder o ar fresco. Mas aquelas caras raivosas...!

8 Será Que Tudo Me Acontece por Acaso?

Não mudou nada. No cais estava tudo com a mesma expressão. Todos irritados, impacientes, conflituosos. Vocês sabem como é. Quando alguém roça ao de leve na pasta do vizinho, até parece que se ouve rosnar...

Antes de chegar o comboio, já eu estava com o nariz enfiado no livro. Tudo menos ver aquela neura. Entrei, fui lendo de pé até ao Marquês. Depois sentei-me e, bom, ia-me esquecendo de sair no fim do percurso. Estava a ler um conto do livro *As Rosas de Atacama*, de Luís Sepúlveda. O conto falava de um poeta, Avron Sützkever, que escreveu sobre dez judeus que viviam num esgoto, na escuridão. Avron chamou-lhe *Cidade Secreta*. Quem os vigiava era um homem cego. Para ele, escuridão ou luz era exactamente igual. A imagem era incrível, impressionou-me mesmo!

Mas, como eu dizia, ao chegar à estação da Baixa-Chiado, tive de sair, embora um pouco contrariada porque estava mesmo a chegar ao fim do conto. Vim a caminhar ainda uns metros a ler e acabei-o. Fechei o livro, com aquela imagem na cabeça. E foi aí que tudo começou...

Imaginem bem a cena. Eu, ainda abalada a pensar como seria viver no escuro, fecho o livro e... apagam-se todas as luzes da estação! Eu disse todas. Ouviram bem? Todas! Mergulhámos de repente na escuridão completa. Ainda tinha na mão o livro acabadinho de fechar. Arrepiei-me. Parecia que tinha sido eu a apagar a luz!

Comecei a tropeçar nas pessoas que iam parando pelo caminho. Havia quem dissesse:

— Não se cheguem à borda do cais! Agarrem-se uns aos outros!

Mas havia logo quem se lembrasse de coisas bem mais pragmáticas...

— Era só o que faltava! Para depois descobrir que me tinham roubado a carteira, não?!

Eu ria-me por dentro. Sentia-se o medo a crescer ali pelo meio. As vozes eram ansiosas, ouviam-se suspiros, sussurros. A escuridão era arrasadora.

Aos poucos, começaram a aparecer nas paredes algumas luzes fracas, as tão conhecidas luzes de presença. Quanto tempo isto demorou, não sei. Se calhar foi muito rápido. As escadas que davam acesso ao patamar de cima começaram a desenhar-se no escuro e na sombra. Podíamos ir subindo, devagar. O perigo de cair no cais estava já eliminado.

A ideia do conto assaltava-me. Eu vinha a ler um conto sobre a escuridão, a pensar como seria, e via-me mergulhada numa situação semelhante. Era uma coincidência fantástica!

Quando cheguei ao patamar de cima tive uma sensação ainda mais forte. As lâmpadas de presença pareciam velas acesas, aqui e ali. A luz era tão fraquinha...! A estação, com aquela altura, aquele tamanho, pareceu-me descomunal. Era como se fosse um sonho. Eu nunca mais iria ver outra vez aquela estação assim, mergulhada na escuridão. Senti uma alegria enorme. Se calhar, alegria não é a palavra certa. Senti um privilégio enorme, talvez seja mais isso.

Encaminhei-me para as escadas rolantes. Estavam, obviamente, paradas. As pessoas, já mais acostumadas àquela luz ténue, dividiam-se em três grupos. As que subiam vigorosamente, para galgar depressa a distância e o medo; as que subiam devagar, olhando à volta para ver se o cenário se modificava; e as que ficavam paradas a olhar para a enorme distância escura que as separava da superfície, sem acção.

Eu nem me lembrei que, pelo outro lado, a saída era muito perto. Fiquei ali, no grupo dos que subiam devagarinho, com um sorriso que se colou aos meus lábios. Que maravilha!

10 Será Que Tudo Me Acontece por Acaso?

A meio do primeiro lanço de escadas (dos quatro de cinquenta e sete degraus cada!!!), senti um puxão na manga do casaco. Olhei para trás e encontrei o olhar aflito de uma senhora de meia-idade.

— Ai, menina, desculpe, mas não sabe se isto ainda reacende?

Pensei «Estás passada, minha!», mas não disse nada. Sorri e encolhi os ombros.

— Vamos subindo...

— Mas está muito escuro. Sabe, eu tenho claustrofobia...

— Mas isto é tão grande — desdramatizei eu, estúpida.

— Grande?! Eu estou muito aflita! — respondeu indignada.

Ainda tentei sossegá-la, mas ela tinha começado a descer, imagine-se!, de regresso ao escuro. Agora me lembro que era de certeza para sair pelo lado mais curto. Fiquei a observar o vulto dela enquanto se afastava. Coitada, estava realmente assustada. E eu não tinha conseguido acalmá-la. Mas também não sei se alguém conseguiria.

Gastei um pouco de tempo a sentir o enorme silêncio que nos estava a acompanhar. Nunca tinha estado ali sem barulho. Ou era das escadas rolantes, ou dos comboios que chegavam e partiam, ou das pessoas, ou dos pedintes. Agora, como toda a gente falava em surdina, o silêncio era forte, impunha-se.

Recomecei a subir. Inspirei fundo, a tentar prolongar aquela magia. E foi nesse preciso momento que as luzes começaram a acender e deram origem a um espectáculo ainda mais extraordinário que o anterior. Ao aquecer, as luzes eram azuladas e muito fracas. Toda aquela subida ficou de tons azul-claro e verde-claro, como se estivéssemos... numa *Cidade Secreta!*

Mas o sonho estava a chegar ao fim... Tive tanta pena! Acho que, estupidamente, gastei os últimos minutos de maravilha a entristecer-me com o fim. Que parva! Por que é que fazemos estas coisas?!

A magia foi-se esfumando. A luz começou a tornar-se branca e as vozes das pessoas começaram a ser outra vez as vozes de todos os dias. Os que subiam energicamente, foram abrandando. Os que iam devagar como eu, pararam. Os que estavam ainda lá em baixo parados, olhavam insistentemente para a zona das bilheteiras. Era de lá que viria o salvador — o homem que volta a ligar as escadas rolantes.

Uma a uma, as escadas voltaram a funcionar. O silêncio, esse, desapareceu. O som foi subindo à velocidade das escadas e tudo recomeçou, com aparente normalidade. Só quem tinha passado pelo escuro e pelo silêncio saberia que algo tinha mudado. Ou era só eu? Por que é que todos tinham voltado a pôr aquele ar de todos os dias?! Um dia tão diferente e eles... Será que já se tinham esquecido?!